

SP
4970
P.158

1970
P.158

OK (2) $\frac{BS}{P.J.S}$

por Glauco Rodrigues Carvalho

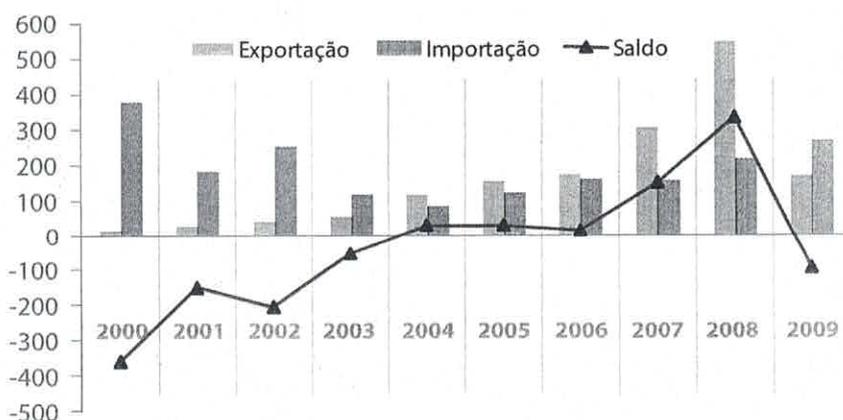
O retrato do mercado nacional

Algumas reflexões sobre a competitividade brasileira nas exportações de lácteos

O acompanhamento do mercado de leite é um grande desafio para qualquer analista. Por exemplo: após cinco anos de superávit na balança comercial, quem poderia prever que o Brasil voltaria a apresentar déficit em 2009? O discurso predominante nos últimos anos indicava que o País iria crescer muito na exportação e se tornar um grande player do mercado mundial. O argumento básico para isso tinha fundamento na disponibilidade de recursos naturais e na competitividade em custos. O fato é que não conseguimos exportar leite em 2009, considerando o cenário de preços internacionais, a demanda mundial e a taxa de câmbio. Então, o que houve com nossa competitividade? Na realidade, precisamos avançar muito para nos tornarmos estruturalmente grandes exportadores. O objetivo principal deste artigo é discutir alguns aspectos referentes a essa competitividade.

Partindo de 2007, o que se via eram preços internacionais em patamares elevados – até então nunca vistos –, demanda global aquecida, oferta se recuperando e a cadeia produtiva do leite em crescimento. No Brasil, a indústria estava adotando estratégias agressivas de compra de matéria-prima para atender os clientes domésticos e internacionais. As exportações brasileiras seguiam batendo recorde mês após

Figura 1 Balança comercial de leite e derivados – US\$ milhões



Fonte: MDIC. Elaboração do autor

mês, até atingir, em 2008, um valor total de US\$ 541 milhões (Figura 1). Parecia sonho, mas era realidade. Isso mesmo com uma taxa de câmbio média, em reais por dólar, de 1,83. Ou seja, uma taxa de câmbio próxima do atual patamar. Mas a diferença fundamental estava na demanda e no preço internacional, que registrou tamanha valorização que foi capaz de cobrir as dificuldades geradas pela valorização cambial.

Mas, em 2009, o cenário mudou completamente para as exportações e o Brasil amargou déficits mensais que totalizaram no final do ano US\$ 98 milhões, ou seja, exportações de US\$ 166,8

milhões e importações de US\$ 264,8 milhões. Esse resultado poderia ser ainda pior caso o Brasil não tivesse imposto algumas barreiras à entrada de lácteos de outros países.

A palavra de ordem passou, então, para a competitividade brasileira. Em meados do ano passado, participei de um evento em São Paulo promovido por uma grande empresa do setor com o objetivo de discutir o tema "A Competitividade Brasileira nas Exportações de Lácteos". Na ocasião, foram abordadas questões conjunturais e estruturais relativas à cadeia do leite no Brasil. Ocorreram palestras sobre agricultura

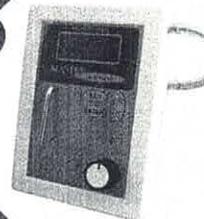
AKSO®

Produtos Eletrônicos

Mais qualidade em suas medições!

Master Mini Analisador de Leite

Solução rápida e econômica para análises de leite. Instrumento portátil e de fácil manuseio. Pode ser utilizado no laboratório ou a campo. Realiza 9 medições em apenas 90 segundos.



Mini Inox Mini Termômetro de Inox

Termômetro ideal para verificação de temperaturas segundo as normas de HACCP. Possui função de calibração e seu corpo em inox facilita a higiene.



AK 285 Datalogger de Temperatura e Umidade

Registrador de temperatura e umidade, indicado para uso em caminhões de transporte de leite, salas de resfriamento e armazenagem.



Confira nossa linha completa!

Tele Vendas

(51) 3406.1717

vendas@akso.com.br

www.akso.com.br

brasileira, estratégias adotadas pelos exportadores de carnes, mercado internacional de lácteos, qualidade do leite, custos e sistemas de produção. Muitas questões interessantes foram levantadas e, desde então, tenho pensado a respeito. Aproveitando de algumas ideias lançadas pela equipe do Instituto Icone, chamo a atenção para características de uma cadeia agroindustrial exportadora, separando-as em dois blocos (NASSAR et al., 2009).

1) As que podem ser conseguidas pela cadeia por ações próprias:

- Necessidade de possuir um mercado doméstico grande para o produto que se pretende exportar, pois isso viabiliza uma elevada escala de produção;
- Baixo custo de matéria-prima, o que possibilita operar com preços mais competitivos ou ser referência de menor custo no mercado;
- Ter padrões sanitários e ambientais que gerem confiança nos importadores;
- Existência de estratégias bem definidas de abertura de mercado e promoção comercial.

2) As que necessitam de ações setoriais e institucionais e não dependem apenas dos agentes da cadeia:

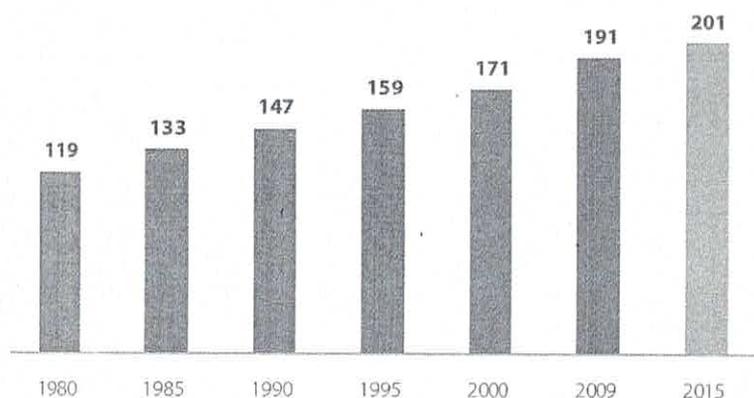
- Política sanitária que ajude o setor, sobretudo vinda de um governo com credibilidade;
- Negociações comerciais que levem à redução de barreiras comerciais, o que vale para o setor agrícola como um todo;
- Suporte governamental para resolver problemas do dia a dia de comércio;
- Desoneração tributária, baixo custo logístico e câmbio favorável.

Para este artigo, pretende-se abordar as características listadas no **Item 1**, ou seja, características que podem ser alcançadas pela cadeia por ações próprias.

Tamanho do mercado interno

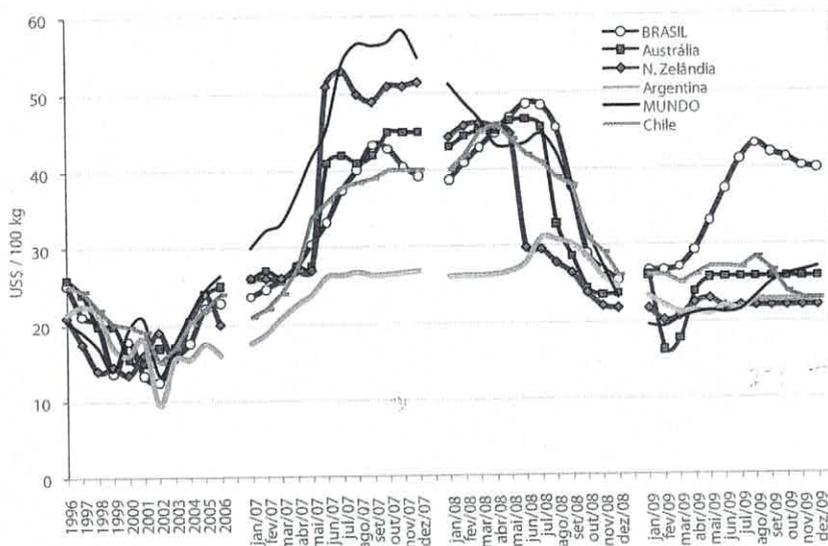
Quando se aborda a dimensão do mercado interno para lácteos, o Brasil se destaca no panorama mundial com uma população de 191 milhões de habitantes, devendo atingir 200 milhões nos próximos três ou quatro anos. (Figura 2). A população brasileira equivale à soma da existente na Alemanha, França e Espanha em conjunto. Com essa população, é o quinto país mais populoso do mundo. Além disso, o consumo per capita de lácteos ainda é baixo para o padrão de países mais desenvolvidos, o que indica uma grande oportunidade de crescimento, sobretudo se houver aumento de renda combinada a uma melhor distribuição. O tamanho da população, portanto, ➔

Figura 2 Evolução da população brasileira e projeção – milhões de habitantes



Fonte: IBGE

Figura 3 Preços do leite em países selecionados (US\$/100 kg)



Fonte: IFCN. In STOCK et al. (2009)

é um aspecto positivo nos pilares da competitividade, mas alguns desafios se apresentam para os próximos anos. O primeiro é que, apesar da população estar crescendo, o ritmo é cada vez menor. Na década de 80, a taxa anual de crescimento da população foi superior a 2% ao ano. Já em 2009, o crescimento está na faixa de 1% e, para 2015, se espera a expansão de apenas 0,7% ao ano. O segundo aspecto se refere ao envelhecimento gradativo dos brasileiros. Em 1980, 12% dos brasileiros tinham mais de 50 anos. Atualmente, esse percentual é de 19%, devendo superar 22% já em 2015. Ou seja, será importante repensar a política de inovação e desenvolvimento de produtos que atenda esse público, destacando não apenas os benefícios do leite para a saúde, mas também relacionando o hábito de beber leite com o lazer.

Obviamente, não se poder perder de vista que o pilar de competitividade relacionado ao tamanho do mercado está justamente em conseguir escala de produção no produto que se pretende exportar. Ou seja, é importante ter fábricas grandes para leite em pó, leite condensado etc. Olhando sob esse prisma, o País tem fábrica com capacidade de processamento de 1 milhão de litros/dia, o que é bom. No entanto,

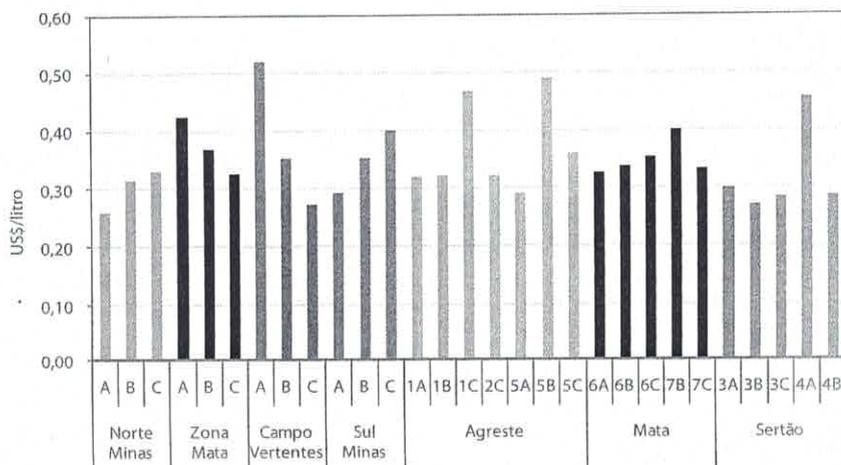
essas fábricas muitas vezes operam com processamento inferior a 500 mil litros/dia, principalmente por conta da competição com outras empresas com as quais o mercado precisa ser dividido. Em outras palavras, onde poderia haver duas ou três empresas com elevada competitividade, existem sete, oito, nove. Não que a competição deva ser reduzida, muito pelo contrário, o processo competitivo é salutar e gera uma busca constante por

aprimoramentos. Para avançar na exportação de commodities, porém, torna-se fundamental aumentar a escala de produção, já que a rentabilidade unitária desse tipo de produto em geral é baixa. Isso indica que o processo de concentração que vem ocorrendo no Brasil deve continuar, até porque, em relação aos padrões mundiais, temos uma indústria que ainda pode ser classificada como fragmentada (para mais informações sobre este tema, ver a edição número 115, de setembro/outubro de 2009).

Custos de produção

Continuando nos pilares de competitividade, o baixo custo de matéria-prima, neste caso, o leite cru, é fundamental para possibilitar a inserção internacional dos lácteos brasileiros. Antes de entrar na discussão de custo em si, vale ressaltar que o setor agrícola brasileiro e os segmentos exportadores em particular sofreram e ainda sofrem com a valorização do real frente ao dólar, pois têm deixado nosso produto mais caro na moeda estrangeira. Entre 2004 e 2009, o real se valorizou 32% frente ao dólar. Ou seja, 1/3 da receita de exportação desapareceu no câmbio. Somente em 2009, a taxa de câmbio média do mês (em R\$/dólar) saiu de 2,31 em janeiro para 1,75 em dezembro, queda de 24%. Mas,

Figura 4 Custo de produção da atividade leiteira em diferentes sistemas de produção e mesorregiões de Minas Gerais e Pernambuco 2009 – US\$/litro



Fonte: Banco de dados Embrapa Gado de Leite

como mencionado no início deste artigo, essa não é uma variável de controle dos agentes do setor, apesar de ter um efeito devastador sobre o mesmo.

Voltando ao custo de produção, sabe-se que, para a fabricação de leite em pó, cerca de 80% do valor gasto se refere ao custo da matéria-prima. Conseguir leite a preços baixos, portanto, é fundamental para viabilizar a exportação de leite em pó. Para isso, é necessário que a eficiência produtiva aumente no setor de produção primário, possibilitando uma redução de custo na fazenda e, conseqüentemente, um pagamento pelo leite que proporcione rentabilidade ao produtor e competitividade ao exportador.

Historicamente, o Brasil figura entre países de baixo custo de produção de leite, ficando no segundo grupo mais competitivo, atrás de Argentina, Chile, Índia e outros países com foco mais extrativista, como Uganda, Indonésia etc. Nos últimos três anos, entretanto, houve perda de

participação relativa no cenário mundial e o Brasil foi rebaixado para o terceiro grupo de competitividade, ficando atrás também da Nova Zelândia, Austrália, entre outros. Uma parte desse desempenho se deve ao efeito câmbio. Por outro lado, verifica-se uma evolução qualitativa muito lenta no uso apropriado dos fatores de produção, como terra e mão de obra, por exemplo. Ou seja, a eficiência produtiva está baixa. Na **Figura 3**, pode-se observar a evolução dos preços do leite ao produtor, em dólar. Mesmo com esse descolamento do Brasil em 2009, com preços no padrão europeu, diversos produtores amargaram prejuízos.

Nos levantamentos realizados em diferentes mesorregiões dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco, verificaram-se disparidades elevadas nos custos e baixo desempenho técnico nas fazendas de leite. Na **Figura 4**, podem-se observar os custos de produção de leite e, na **Figura 5**, a produtividade média por

vaca/dia de lactação. Nesse caso, fica patente o diferencial tecnológico empregado nos sistemas de produção, mesmo em nível regional. Vale ressaltar que a maior parte dos sistemas analisados possui custo de produção entre 30 e 40 centavos de dólar. Além disso, a média por vaca/dia na grande maioria das fazendas está aquém de 10 litros. E é justamente essa variável de produtividade que deverá proporcionar competitividade no longo prazo. É sabido que o preço dos alimentos segue trajetória declinante no tempo, não sendo diferente para o leite. Assim, o preço do leite recebido pelo produtor perde para os insumos no longo prazo. Em outras palavras, a razão entre o preço recebido pelo produtor e o preço pago é cadente, sendo necessário ganho de produtividade em todos os fatores de produção.

Uma das relações econômicas mais antigas para a formação do preço de um bem se refere à lei da oferta e da

CHR HANSEN

Improving food & health



CHY-MAX M[®]

A nova geração de Quimosina da Chr. Hansen

- Maior rendimento
- Custo-benefício
- Melhor sabor
- Soro de alto valor agregado
- Padronização na produção
- Certificado Kosher e Halal

➤ demanda. Ou seja, o preço de um bem é mais baixo quanto mais abundante sua oferta. Por outro lado, a escassez de um produto implica em preços mais elevados. É o caso da terra no Brasil, que é relativamente mais barata que em outros países, pois existe em maior abundância. Isso ajuda a explicar por que nossa produtividade em litros de leite por hectare é baixa. O mesmo acontece em litros por homem/hora de trabalho, litros/vaca etc. Todavia, a pressão para melhoria de eficiência tende a aumentar, já que os fatores de produção são escassos e seus preços vão subir. Algum aumento já se percebe em mão de obra e terra, mas ainda longe do padrão mundial.

O Brasil possui características ímpares para a produção de leite, mas a eficiência precisa ser melhorada. A produção de leite é muito pulverizada e existem inúmeros sistemas de produção. Essa gama de sistemas em si não é problema, muito pelo contrário. Isso coloca o País em uma condição muito favorável, em que os sistemas de produção são mais flexíveis. Por exemplo, em momentos de alta acentuada nos custos do alimento concentrado, como vimos em 2006 e 2007 no boom do etanol de milho, os sistemas confinados (notadamente europeus e norte-americanos) foram bastante penalizados. Por outro lado, sistemas a pasto foram menos afetados pelos pre-

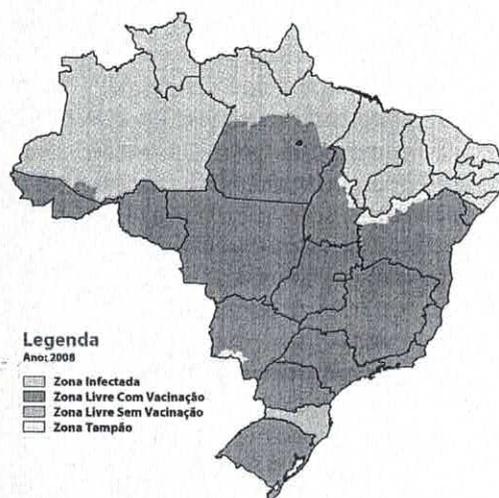
ços dos concentrados, mas similarmente sofreram com a alta dos fertilizantes. Em termos mundiais, os sistemas de menores custos são, nesta ordem, os de pequena escala, seguidos de sistemas a pasto e finalmente freestall (HEMME, 2009). Independente do sistema escolhido, é importante ter eficiência. Tomando por base os grandes exportadores de leite em pó, Austrália e Nova Zelândia, a opção foi por sistemas a pasto e elevada escala de produção. Isso é perfeitamente possível no Brasil, mas, além disso, temos uma grande vantagem comparativa adicional, referente à oferta de alimento concentrado.

Enfim, no âmbito de custo, o País tem muito a melhorar para tornar a matéria-prima mais competitiva e viabilizar a exportação a preços mais baixos. Essa melhoria necessariamente passa pela eficiência em toda a cadeia produtiva. Produzir leite em si não é difícil, mas produzir leite a baixo custo e com rentabilidade é.

Padrões sanitários e ambientais

Outro fator relevante para a inserção internacional e que apresenta deficiên-

Figura 6 Situação da febre aftosa no Brasil

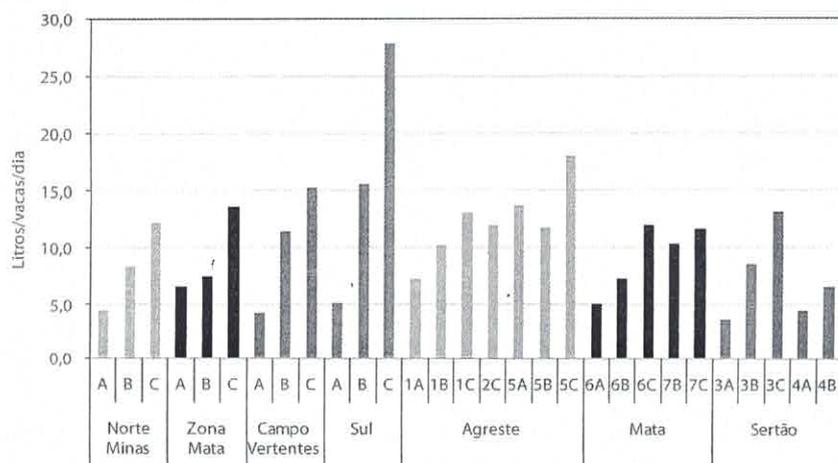


cias no Brasil se refere aos problemas sanitários e ambientais. A pecuária brasileira (carne e leite) é acusada de inúmeras falhas – vetor de desmatamento da Amazônia, agressão ao meio ambiente, emissão de gases e emprego de mão de obra escrava. Sabe-se que algumas acusações procedem, mas inúmeras outras são falsas. A questão importante é criar padrões que gerem confiança nos clientes. Não se pode deixar de salientar que, no mundo atual, a velocidade de circulação da informação globalmente é muito alta e qualquer escândalo é rapidamente espalhado pelo mundo, mesmo nas regiões mais remotas do globo.

O leite é o primeiro produto a ser consumido por um ser humano, tido como um dos alimentos mais puros e saudáveis à saúde humana. Mas não é sempre que essa imagem é repassada. O último escândalo mais robusto vivenciado pelo setor ocorreu no final de 2007, denominada operação Ouro Branco. Na ocasião, a imagem do produto brasileiro foi prejudicada em função da adição de substâncias não permitidas ao leite, tornando-o impróprio para o consumo humano. Felizmente, foi um caso isolado, mas de visibilidade internacional.

Ainda nas questões sanitárias, não se pode esquecer de que até hoje existem problemas com febre aftosa, tuberculose e brucelose. A febre aftosa, por exemplo,

Figura 5 Produtividade média por vaca em lactação em diferentes sistemas de produção e mesorregiões de Minas Gerais e Pernambuco 2009 – litros/vaca/dia



Fonte: Banco de dados Embrapa Gado de Leite

chegou ao Brasil por volta do ano de 1870 e sua incidência foi relacionada a uma grande epidemia ocorrida na Europa, onde era conhecida desde 1546, e resultou da importação de bovinos do velho continente. Ou seja, já se passaram 140 anos do primeiro caso e o País ainda não conseguiu se estabelecer como livre de febre aftosa sem vacinação. A conscientização dos produtores na erradicação da aftosa é fundamental e eles devem ter a responsabilidade de vacinar o rebanho de acordo com o calendário do Estado. A febre aftosa é uma doença que preocupa o País, não por oferecer risco à saúde humana, mas pelo prejuízo econômico que traz para toda a cadeia produtiva. Hoje, a febre aftosa está erradicada em aproximadamente 5 milhões de quilômetros quadrados do território nacional, área que concentra a maior parte da população bovina. Vários Estados compõem a área livre de febre aftosa com vacinação, mas apenas Santa

Catarina leva o rótulo de área livre sem vacinação (**Figura 6**).

Na mesma linha, a cadeia produtiva precisa trabalhar em consonância com a defesa agropecuária federal e estadual na erradicação das demais doenças. É fundamental ainda atuar na melhoria da qualidade do leite, eliminando qualquer possibilidade de presença de resíduos, como, por exemplo, provenientes de antibióticos.

Por fim, no caso do meio ambiente, existe muita informação imprecisa, muito lobby e terrorismo. Mas uma coisa é certa: a agricultura brasileira não está conseguindo mostrar à sociedade (inclusive nacional) sua importância, seus desafios, seus problemas e seus méritos. Criou-se um estigma de que se é do agrícola é extrativista, é ruim e causa danos ao meio ambiente, enquanto a realidade agrícola é diferente. O agrícola produz, alimenta, mantém o homem no campo e reduz a pressão

de migração para os grandes centros urbanos. É só observar os números do agronegócio brasileiro para ver sua importância: 37% do emprego, 26% do PIB, 40% das exportações etc.

Além disso, existem diferenciais a serem mostrados. No caso da pecuária de leite (e mesmo de corte), os sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta são um exemplo em busca de sustentabilidade, com possibilidade de agregação de renda, redução no uso de terra e captura de carbono.

Estratégias bem definidas

Por fim, na questão de abertura de mercado e promoção comercial, o trabalho a ser feito também é longo. Atualmente, na cadeia produtiva do leite, essa tarefa está sendo realizada principalmente por ações individuais, das próprias empresas, sem uma atuação coletiva. No entanto, como as ações são pontuais, o seu efeito também é limitado ➔



**Economia de espaço,
energia e
manutenção.**

directdrive
Acionamento direto
GEA Westfalia Separator

Só não economizamos em tecnologia.
A GEA Westfalia Separator oferece o melhor em investimento a longo prazo. São as máquinas de acionamento direto, que proporcionam para sua produção menor gasto de energia, economia de espaço e baixo custo em assistência técnica e manutenção.

HyVOL PR

Mechanical Equipment
GEA Westfalia Separator Brasil
Av. Mercedes-Benz, 679 - Edif. 4D2 - 1º andar - Distrito Industrial
CEP 13054-750, Campinas-SP, Brasil
Tel.: (19) 3725 3155 / Fax: (19) 3725 3224
centrifugas@geagroup.com
www.gea-westfalia.com.br

➔ e ocorre sempre visando ao curto prazo. É interessante aproveitar os projetos da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), buscando promoção da imagem por meio de feiras internacionais, missões especiais e outros eventos que salientam os principais atributos dos produtos lácteos brasileiros.

Neste momento, é importante começar a delinear estratégias à cadeia como um todo, pensando inclusive na criação de uma marca para o País. Ao visitar o site da Apex, encontramos inúmeros projetos para carnes, açúcar e álcool, biscoito, cafés etc. Mas nada em leite. Será que

não seria a hora de criar a *Brazilian Milk* ou *Brazilian Dairy*? E a criação de uma associação brasileira dos exportadores de leite e derivados (Abeleite), como ocorre nos setores de carnes, café e açúcar? É preciso avançar na promoção da imagem do leite brasileiro, fortalecer a presença do País nos fóruns internacionais alimentares e fazer valer o objetivo de ser um grande exportador de lácteos. Ou não queremos isso? ●

Agradecimento à Fapemig, que apoia e financia essa pesquisa.

Foto: Divulgação



Glauco Rodrigues Carvalho é economista e pesquisador da Embrapa Gado de Leite – glauco@cnpgl.embrapa.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

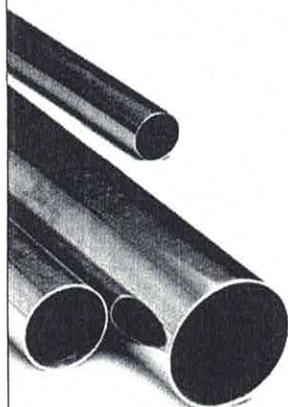
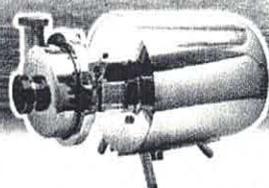
HEMME et al. (2009): IFCN Dairy Report 2009, International Farm Comparison Network, IFCN Dairy Report Center, Kiel, Germany. 206 p.

NASSAR, A. M.; NOGUEIRA, S.; KASSAMA, B. Exportações Brasileiras de Produtos Agrícolas: Quão Distante está o Leite de Outras

Commodities? 1.º Fórum DPA sobre Competitividade dos Lácteos Brasileiros. São Paulo, agosto de 2009.

STOCK, L. A.; CARNEIRO, A. V.; DUARTE, M. G. P. Preços do leite em 2008 nas principais regiões do mundo. Boletim CBLeite, ano 3, n.º 9. Juiz de Fora. Novembro de 2009.

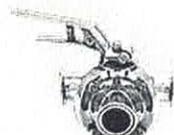
Tubos e Conexões em Aço Inoxidável Sanitário



- Tubos com e sem costura
- Bombas Centrífugas
- Anéis de Vedação
- Abraçadeiras
- Reduções
- Uniões
- Peças especiais em borracha ou inox
- Válvulas
- Nipples
- Curvas
- Tees

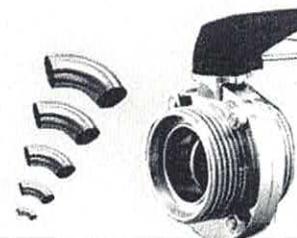


Normas: TC, SMS, RJT, IDF, DIN, BSP, NPT



Allparts Distribuidora Ltda.

Rua: Padre Estevão Pernet, 1.546 - Tatuapé - São Paulo - SP
 Tel/Fax: (11) 2294-0300
 e-mail: allparts@allparts.com.br
 site: www.allparts.com.br



Leite & Derivados



No ano em que completa 75 anos, o Instituto de Laticínios Cândido Tostes prepara-se para a inauguração de diversas obras de modernização em suas instalações

Aditivos e Ingredientes

O que os fornecedores oferecem aos laticínios

Refrigeração

Equipamentos para conservar derivados de leite